

Os melhores livros do ano

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

A São Paulo Review, seus colaboradores e conselheiros escolheram os melhores livros de 2016. Veja lista abaixo: Alexandre Staut, escritor, jornalista, editor da São Paulo Review *A vida invisível* de Eurídice Gusmão, de Martha Batalha (Companhia das Letras) – Romance simples na forma e repleto de conteúdo, que tem como palco a periferia carioca. Um livro feminista, bem-humorado, que visita temas de clássicos contemporâneos nacionais, a exemplo de *A hora da estrela* (Clarice) e *A estrela sobe* (Marques Rebelo). Baseado em fatos reais, de Delphine de Vigan (*Intrínseca*) – A romancista francesa constrói trama sobre sua relação com uma ghost writer psicopata que segue seus passos. Um thriller psicológico dos melhores que já li. Uma aula de auto-ficção.” * Viviane Ka, escritora, roteirista, diretora da São Paulo Review *Linha M*, Patti Smith (Companhia das Letras) – Sensível e contemplativo momento da musa do punkrock, com referências literárias para alimentar a alma. A guerra não tem rosto de mulher, de Svetlana Aleksievitch (Companhia das Letras) – Impressionou-me pelo trabalho monumental e pela emocionante participação na Flap 2016.” * Ana Weiss, jornalista, diretora editorial da São Paulo Review *Em Voltar pra casa*, de Toni Morrison (Companhia das Letras) – Mostra por que acumula um Pulitzer e um Nobel de Literatura com narrativas que abrem as feridas da história americana da segunda metade do século XX. Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo, de Elisabeth Roudinesco (Zahar) – É a mais importante biografia do pai da psicanálise depois da pesquisa de Peter Gay. A maior contribuição do perfil da historiadora francesa Elisabeth Roudinesco é a rever, à luz das transformações culturais, os sucessivos julgamentos éticos e morais que dão contornos aos perfis do médico austríaco. Meshugá, de Jacques Fux (José Olympio) – O autor combina cadências narrativas vertiginosas que surpreendem, mesmo se tratando de histórias conhecidas, quase todas biográficas, amarradas pelo judaísmo e pela aura de insanidade de figuras extraordinárias como Sara Kofman e Woody Allen.” * Ubiratan Muarrek, escritor, jornalista e parte do conselho editorial da São Paulo Review *A festa de aniversário e o Monta-Cargas*, de Harold Pinter (José Olympio) – Pinter prova – talvez seja o único – que há vida depois de Samuel Beckett. Todos os contos, de Clarice Lispector (Rocco) – A autora se afirma nesse volume naquilo que é: o maior nome da nossa ficção.” * Raimundo Neto, escritor e crítico literário *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho (Companhia das Letras) – Livro que trata de amor e violências; intimidades que se espalham sobre o entorno, nas relações; erotismo e prazer que machucam; infâncias e adolescências cristalizadas em horrores não superados de abandono e maldades. Isso também vai passar, de Milena Busquets (Companhia das Letras) – Uma filha – pelos caminhos da maternidade e do sexo casual sem chances de ser descartável – constrói o luto da morte de sua mãe através da amizade, do prazer fluido e livre de julgamentos conservadores. A espanhola Milena tem uma prosa livre de pecados e cheia de perdões ao falar sobre vida, morte, sexo, dor e redensões.” * Ronaldo Cagiano, escritor, crítico literário *Nunca o nome do menino*, de Estevão Azevedo. (Record) – Narrativa permeada de riqueza estilística e linguagem poética, o romance transita pela metaliteratura e pela intertextualidade. Um jogo de espelhos em que autor, personagem e narrador se relacionam numa trama simbiótica, em que se discute também as nuances do próprio fazer literário. Não tive nenhum prazer em conhecê-los, Evandro Affonso Ferreira (Record) – O autor dá seqüência ao mapeamento das angústias humanas e às inquietações metafísicas do ser iniciado com *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2012), em cujas obras seus protagonistas vivem sempre suas situações limite ou apartheids psicológicos. Aqui, um nonagenário que deambula pela “metrópole apressurada” desfia seu rosário de imprecisões contra a realidade, enfrentando seu desmoronamento físico e social, reverberando seus questionamentos sobre a vida com lampejos críticos e provocadores.” * Fabiana Gitsio (da Argentina), jornalista, parte do conselho editorial da São Paulo Review *Uma história natural da curiosidade*, de Alberto Manguel (Companhia das Letras) – Houve um tempo em que María Kodama era a que lia para Jorge Luis Borges, com quem viria a se casar. Mas antes, de 1964 a 1968, foi Alberto Manguel quem aliviou os incipientes problemas de visão do monstro sagrado. Um livro de profunda reflexão filosófico-literária, que aborda as dores e as delícias que representam o saber e que qualifica todo amante da literatura, E assim como se passou com seu mestre, Manguel dirige a Biblioteca Nacional de Buenos Aires. Enquanto houver champagne, há esperança, de Joaquim Ferreira dos Santos (*Intrínseca*) – Nunca houve um colonista como Zózimo Barrozo do Amaral, que conseguia reunir a sagacidade do furo jornalístico e a elegância do jet set carioca em borbulhas sempre generosas. O texto de Joaquim reconstitui toda sua vida, seus amores e sua escrita marcante em *O Globo*, primeiro, e *Jornal do Brasil*, depois. E mostra porque foi Zózimo e nenhum outro o príncipe dos cronistas sociais. Sorry, Ibrahim.” * Flávia Gusmão, jornalista, escritora, parte do conselho editorial da São Paulo Review *O Marechal de Costas*, de José Luiz Passos (Alfaguara) – O autor de *O sonâmbulo* amador nos prova, com este terceiro romance, a versatilidade de sua prosa. Apoiado num personagem de biografia obscurecida como Floriano Peixoto, aproveita para tecer metáforas e traçar paralelos que arrastam o leitor para uma reflexão sem fim.” * Kiko Sucupira, advogado, memorialista, escritor, parte do conselho editorial da São Paulo Review *Matula*, de Moacir Amâncio (Annablume) – O jornalista Moacir Amâncio troca a pena pesada que o acompanhou nas antigas edições de um jornal pouco afeito aos processos, e, tem sua odisseia no espaço na poesia. A (possível) referência à sua cidade natal, Pinhal, mesmo sendo volátil e magnética, encanta o coração... que bate mais forte nos conterrâneos.” * Sergio Tavares, escritor, crítico e parte do conselho editorial da São Paulo Review *Todos os contos*, Clarice Lispector (Rocco) – Esse monumento literário abrange 40 anos de produção da autora, incluindo textos encontrados após sua morte. Sofisticada e criativa, Clarice se mostra pronta desde suas primeiras histórias. O que se lê não é uma evolução artística, mas uma autora que manipula a forma, amisca novos estilos, dimensiona a psicologia de seus personagens e, ao se lançar em experimentações, consagra-se genuína. Clarice já estava no futuro, tratando, em seus contos, de temas badalados nos dias de hoje. A fome, Martín Caparrós (Bertrand Brasil) – O ensaio, de mais de 700 páginas, é constituído através das experiências do jornalista argentino em encontros com homens, mulheres e crianças na condição mais brutal de miséria e de escassez de alimentos. Caparrós resgata passagens por Bangladesh, Níger, Madagascar, Argentina, Espanha e Estados Unidos, transitando de aldeias remotas a lixões, a fim de examinar a origem e a estrutura da fome, e trazer a lume verdades contraditórias que apontam que, muito mais que uma fatalidade geográfica ou climática, a fome é resultado de decisões burocráticas e de (in)ações políticas. O resultado são dados avassaladores que apontam que, todos os anos, 3 milhões de crianças morrem por causa da fome ou de doenças relacionadas; que, incluindo os adultos, ocorram 25 mil mortes por dia, no mundo. “Como, caralho, conseguimos viver sabendo que acontecem essas coisas?”, é uma pergunta recorrente e sempre sem resposta. O fim da história, Lydia Davis (José Olympio) – A escritora norte-americana empreende uma imersão nas angústias de uma mulher traída pelos próprios desejos, pela negação de um destino sobre o qual não pode se impor. De maneira imprecisa, a voz feminina que conduz a trama tenta construir um romance a partir dos escombros de uma relação amorosa. O tom inflexivo ilustra a dicção de uma autora magnífica, detentora de um apuro extremo verbalizado em delicadeza. Um romance que nasce de um fim, mas não comporta, em seus limites paginados, um desfecho determinante. A memória é a matéria e a própria literatura.” ***